

OS MANUAIS DESTINADOS A PROFESSORES COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DAS FORMAS DE ENSINAR

Leilah Santiago Bufrem
Maria Auxiliadora Schmidt
Tânia Maria F. Braga Garcia¹

RESUMO:

Relata resultados de investigação sobre manuais de Didática e Metodologia de Ensino de História publicados no Brasil durante o século XX.. Destinados aos professores, os manuais podem ser tomados como fontes para investigar a presença de elementos que, em dados períodos históricos, demarcaram as formas de pensar e de desenvolver o ensino no país. As reflexões contidas neste trabalho são parte de projeto mais amplo, cujo objetivo específico é a análise de elementos que permitam reconstruir formas de ensinar que foram utilizadas nas escolas brasileiras, em diferentes disciplinas escolares. Trata-se do Projeto “Ensinar a Ensinar”: manuais destinados à formação de professores no Brasil (1890-1990), desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas, vinculado à Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, em cooperação com o Projeto MANES (Uned/Madri-ES). **Palavras-chave:** Manuais Escolares; Formação de Professores; Didática; Metodologia do Ensino de História.

MANUALS AIMED AT TEACHERS AS SOURCES FOR THE HISTORY OF MANNERS OF TEACHING

ABSTRACT:

This work reports investigation results about Didactic and Teaching History Methodology published in Brazil during XX century. Aimed at teachers, the manuals might be taken as sources to investigate the presence of elements which, in specific historical times, delimited the manners of thought and the manners of developing teaching in this country. The reflections brought by this work are part of a wider project, which objectives to analyse elements that would permit reconstruct manners of teaching that have been utilized in brazilian schools, in different school subjects. The name of this project is “Teach Teaching” (“Ensinar a Ensinar”): manuals destined to the formation of teachers in Brazil (1890-1990), developed by the Research Group in Didactical Publications (“Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas”), connected to the research group called Culture, School and Teaching (“Cultura, Escola e Ensino”) of the post-graduation program in Education of Universidade Federal do Paraná, joint with the MANES Project (Uned/Madrid-ES).

Key-words: Didactic Manuals; Teacher teaching; Didactic; Teaching History Methodology.

¹ Professoras e pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino. São pesquisadoras do Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas/UFPR.

Ao final da Primeira República e ao longo de todo o século XX, inúmeros manuais de Didática, Metodologia e de Prática de Ensino foram publicados no Brasil e circularam nas escolas. Destinados aos professores, esses livros podem ser tomados como fontes para investigar a presença de elementos que, em dados períodos históricos, demarcaram as formas de pensar e de desenvolver o ensino no país. Desta forma, incluem-se, teórica e metodologicamente, entre as fontes privilegiadas para a investigação e análise da história das disciplinas e das formas de ensinar.

Essa possibilidade teórico-metodológica se ancora nos estudos sobre a constituição das disciplinas escolares (CHERVEL,1990) e, particularmente, na idéia de que os manuais escolares podem ser entendidos como “elementos visíveis” do “código disciplinar”, conceitos tomados de Cuesta Fernández (1997;1998) que os construiu para examinar o caso particular da História.

No Brasil, os estudos sobre publicações didáticas têm sido realizados por pesquisadores e especialistas das várias áreas do conhecimento e têm privilegiado, especialmente, a análise dos manuais destinados a alunos. Tanto na sua versão tradicional impressa, como em ambiente eletrônico, o manual escolar – identificado como “currículo editado” constitui um elemento central da cultura da escola. Ao referir-se à concepção de Umberto Eco, Escolano Benito (2006) analisa o livro texto como o *magister*, isto é, como um elemento mediador que ensina e educa, não somente alunos, mas também os próprios professores, significando que atinge a todos os usuários, não somente na sociedade tradicional, mas também na sociedade chamada da informação e do conhecimento. Destaca-se, nesse processo, a interação presente entre as mais recentes e a históricas textualidades.

Considerações como essas estão representadas no estudo de Ossenbach Sauter (2000), cujo balanço das pesquisas sobre manuais escolares, com enfoque histórico, destaca as mais importantes realizadas na América Latina e a contribuição oferecida a elas pelo Projeto Manes (Pesquisa sobre Manuais Escolares), com sede na *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (UNED) de Madri.

Os acordos de colaboração firmados com as partes que atuam nesse projeto, destacando-se universidades latino-americanas, têm facilitado a organização de bases de dados locais, nacionais e a internacional, cuja iniciativa se concretizou em 1992, com a pretensão de catalogar e estudar inicialmente os manuais escolares publicados na Espanha, entre os anos de 1812 e 1990. Com a incorporação de outras instituições, foi sendo ampliado o âmbito das possibilidades de estudo e pesquisa.

Em trabalho realizado junto ao Projeto MANES, Guerreña, Ossenbach e Pozo (2005), afirmam que investigações relativas a estes manuais têm apontado dois campos distintos de estudos. De um lado, estão os trabalhos que permitem rastrear a evolução da Pedagogia como um campo científico, bem como “analizar los procesos de creación de un ámbito académico específico para las llamadas Ciencias de la Educación dentro de las Escuelas Normales y las Universidades” (pág.26). Segundo os autores, estes estudos fornecem dados importantes para se entrar nos currículos das instituições de formação docente, permitindo que se conheça a história dos processos de profissionalização docente. Entre estes estudos localizam-se os trabalhos como os de NÓVOA (1998), em Portugal e ESCOLANO (1999) na Espanha. No âmbito iberoamericano, GUERREÑA, OSSENBACH e POZO incluem nestes estudos, trabalhos como os de BLAS ANTOCINELLI (2002), na Argentina. No Brasil, investigações em torno de manuais destinados aos professores já existem e apontam a existência de novas possibilidades e

recortes para análises, como atestam os trabalhos de MONARCHA (1997), FARIA FILHO (2000), VIDAL (2001) e CARVALHO (2001).

O outro campo de estudo, apontado por Guerreña, Ossenbach e Pozo, que foi aberto pelas investigações refere-se aos manuais destinados à formação de professores em áreas distintas da Pedagogia, pois “Este tipo de textos son representativos de una concepción de la Pedagogia como un saber práctico acerca de las estrategias para la enseñanza de determinadas materias, distinta de la Pedagogia como un conocimiento fundamental con aspiraciones de cientificidad, que hemos visto reflejada en los otros manuales” (p.28). Incluem-se aqui manuais que tratam especificamente sobre as formas de ensinar de cada ciência. Entre os estudos citados pelos autores, estão os trabalhos de MELCÓN BELTRÁN (1991) na Espanha, VALDEMARIN (1998) e SCHMIDT (2005).

As reflexões contidas neste trabalho incluem-se neste segundo campo de estudo e são parte de projeto mais amplo, cujo objetivo específico é a análise de elementos que permitam reconstruir formas de ensinar que foram utilizadas nas escolas brasileiras, em diferentes disciplinas escolares. Aborda parte de pesquisas do Projeto “Ensinar a Ensinar”- Estudo de manuais destinados à formação de professores no Brasil (1890-1990), vinculado ao Grupo Manes (Uned/Madri-ES), que está sendo desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Produção de Manuais Didáticos, vinculado à Linha de Pesquisa Saberes, Cultura e Práticas Escolares, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná-Brasil e, além de estudos específicos relacionados aos manuais destinados à formação de professores, o projeto está construindo um banco de dados relacionados ao tema.

Do ponto de vista operacional, a utilização de manuais didáticos como fonte de estudos históricos, de análises de conteúdo e de investigação de tendências tem sido facilitada pelas aplicações da tecnologia a estruturas que compõem conjuntos de dados recuperáveis por meios eletrônicos. A exploração de uma base de dados, tanto como arquivo quanto como instrumento de análise, revela inúmeras possibilidades para estudos de campos do conhecimento, não somente pelo acesso a informações pontuais que propicia essa prática, mas também para identificar tendências no desenvolvimento de área ou campo do conhecimento, das disciplinas científicas e das suas relações mútuas.

Na fase de desenvolvimento atual, estão cadastrados na base brasileira cerca de 150 manuais destinados à formação de professores, nos campos da Didática Geral, das Didáticas Específicas ou Metodologias de Ensino, além dos conteúdos tradicionalmente identificados como de Fundamentos da Educação. O processo de seleção e classificação dos manuais para a base gerou a necessidade de conceituação desse tipo específico de livro escolar, buscando-se elementos que pudessem definir um manual destinado a “ensinar a ensinar”.

Na primeira parte deste artigo serão feitas algumas considerações sobre essa questão conceitual, encaminhando-se em seguida o exame de questões mais específicas em dois casos em estudo: manuais de Didática Geral e manuais de metodologia do Ensino de História².

1. Manuais destinados à formação de professores: buscando especificidades

Uma primeira dificuldade da pesquisa foi definir este tipo de publicação. Como podem ser caracterizados os manuais destinados ao público docente?

² Neste momento estão em desenvolvimento, sob a coordenação de outros pesquisadores, trabalhos de investigação sobre manuais escolares destinados à formação de professores de Física e de Psicologia.

Manuais escolares, livros de texto, livros escolares são algumas das denominações com que têm sido designados os livros destinados ao uso escolar. Os livros didáticos têm sido chamados de manuais pois apresentam a proposta de, a um só tempo introduzir um tema e sumariá-lo. Assim, embora classificados como obras de referência, são mais efêmeros que outras obras do gênero, já que se desatualizam rapidamente, permanecendo, portanto, pouco tempo nas prateleiras.

Usado como texto básico para o estudo de alunos, ou para consultas de pesquisadores, o manual é considerado obra de referência e definido como “o tipo de livro que inclui noções básicas de uma ciência, de uma técnica ou de uma arte”. (CUNHA, 2001, p. 95) Sua operacionalidade é destacada na definição da *American Library Association* (ALA) em seu *Glossary of Library Terms*, ao considerá-lo “uma obra compacta, que trata concisamente da essência de um assunto, tendo como finalidade principal servir como fonte de informações correntes”. (CAMPELLO et. alii, 2000, p. 210) efetivamente, o sentido etimológico do termo coincide com a idéia de concisão, uma vez que, enquanto livro reduzido ou pequeno, cabe dentro de uma das mãos ou está ao seu alcance.

No que se refere aos manuais destinados especialmente aos professores, de modo geral, pode-se dizer que têm sido incluídos no conjunto de publicações que, conforme afirma BATISTA (2000, p.542), “são tanto produzidos quanto impressos tendo em vista o mercado escolar”. Os trabalhos de CHOPIN (1997) têm sido importante referência para estudos os quais buscam tipificar e caracterizar a construção dos manuais didáticos escolares numa perspectiva histórica. Já as pesquisas de BITTENCOURT (1993) contribuem para a compreensão deste fenômeno especificamente com relação aos manuais de História.

Todos estes estudos remetem à necessidade de identificar estas publicações no movimento de construção do processo de escolarização. Mas os manuais escolhidos como objeto desta pesquisa também podem ser definidos a partir de sua principal característica, isto é, pelo tipo de leitor a quem, prioritariamente, se destinam, ou sejam - os professores, “Na forma de manuais de didática geral ou de ‘didática especial’ (que propunham métodos e atividades de ensino de alguma disciplina), os livros didáticos exclusiva ou prioritariamente para o professor(...)” (BATISTA, p. 551).

A opção pela pesquisa em manuais destinados à formação de professores significa tratá-los a partir de um marco definidor inicial, isto é, considerá-los como manuais didáticos relacionados ao processo de escolarização e destinados prioritariamente para os professores. No entanto, o fato de serem manuais que propõem métodos e atividades de ensino de determinadas disciplinas indica, também, a necessidade de explicitação do que se entende pelo conjunto de conhecimentos veiculados por estes manuais, ou seja, que tipo de saberes são constitutivos destas publicações destinadas aos professores.

Em primeiro lugar, é necessário distingui-los dos manuais nos quais o conteúdo principal é o conhecimento propriamente dito. Por exemplo, em se tratando de manuais de didática destinados a professores de História, eles não abordarão a especificidade de certos conteúdos a serem ensinados, como os conteúdos de História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e História do Brasil, tratados didática e graficamente com a finalidade do ensino/aprendizagem da História pelos alunos. No caso dos manuais destinados a professores, trata-se também de uma gama de saberes que podem ser incluídos nos saberes e práticas próprios da Didática das disciplinas. Neste sentido, o conteúdo destes manuais pode ser apreendido como um conjunto de saberes destinados a uma introdução formal para o ensino de certas disciplinas nas escolas Fundamental e

Média, exercendo a função de mediação entre o conhecimento científico específico e os modos de ensiná-lo na sala de aula.

Nestes manuais a natureza dos conteúdos é guiada pelas necessidades práticas da formação dos professores, cujo processo pode ocorrer em dois níveis: um é puramente prático, isto é, de acordo com os métodos de ensino na sala de aula; o outro é teórico, isto é, relaciona-se com as condições e necessidades básicas dos conteúdos da ciência específica.

A partir dos pressupostos analisados, o estudo dos manuais destinados à formação de professores de é importante em vários aspectos, nomeadamente no que se refere à reconstrução dos saberes e práticas relacionadas ao ensino das disciplinas específicas, bem como à história da formação dos professores, aspectos pertinentes à reconstrução histórica de cada ciência como disciplina escolar. Os manuais didáticos analisados podem ser entendidos enquanto elementos da cultura escolar, produtos e produtores de conhecimentos escolares; como instituidores de modos de fazer ou de construir a escolarização, bem como construtores de identidades pessoais e profissionais. Enquanto referenciadores e normatizadores de práticas pedagógicas escolares, eles contribuíram e contribuem, também, para a urdir e dinamizar a complexa trama do cotidiano escolar. Assim, pode-se afirmar que eles estão intrinsecamente ligados à construção da forma escolar a qual permite recuperar a formação do professor destinado ao ensino de cada disciplina no movimento das transformações do próprio processo de escolarização brasileiro.

É válido afirmar que estes manuais referem-se a um determinado conhecimento escolar, um tipo especial de saber, ou seja, uma ciência como matéria de ensino, que pode ser explicada pela idéia de uma larga tradição social inventada, não de uma só vez, e recriada no que CUESTA FERNÁNDEZ (1998) chama de **“código disciplinar”**. Para este autor, o “código disciplinar” é uma tradição social que se configura historicamente e que se compõe de uma série de idéias, valores, suposições e rotinas que legitimam a função educativa atribuída a cada disciplina escolar e que regulam a ordem da prática do seu ensino. Ainda segundo este autor, o conceito de “código disciplinar” engloba as especulações e retóricas discursivas sobre o valor educativo, os conteúdos de ensino e os arquétipos da prática docente, que se sucedem no tempo e que, dentro da cultura vigente, são considerados valiosos e legítimos. Pode-se afirmar, à moda de CUESTA FERNÁNDEZ (1997), que o código disciplinar compreende o que se diz acerca do valor educativo de cada ciência, o que se regula expressamente como conhecimento científico e o que realmente se ensina no cotidiano escolar.

O percurso instituído pelo ensino de cada disciplina no Brasil, permite concluir que houve e continua havendo um processo histórico de constituição do código disciplinar de cada ciência, inserido no quadro de desenvolvimento dos próprios modos de educar da sociedade brasileira. É viável afirmar que, o período da segunda metade do século XIX à terceira década do século XX, se caracteriza pelo movimento de construção do código disciplinar das diferentes ciências no Brasil, como assinala o trabalho de NADAI (1993), estudo clássico sobre a trajetória do ensino de História em nosso país.

Neste processo, podem ser destacados alguns matizes que delinearam o que se poderia chamar de elementos do código disciplinar das várias ciências na sociedade brasileira no período. Entre eles estão: algumas experiências particularizadas de ensino, a presença de certos conteúdos em algumas séries da escola e a produção de manuais didáticos destinados a alunos. Estes elementos estão relacionados com outros, como as lutas dos educadores brasileiros pela difusão da escola, principalmente a escola pública,

a formação profissional dos novos mestres e a renovação pedagógica. Este tripé - difusão da escola, formação de professores e renovação pedagógica -, em função das demandas nacionais, embasa e estimula a produção e difusão de uma literatura específica, destinada à formação renovada de professores. Estas publicações consolidar-se-ão como documentos importantes para orientação das práticas pedagógicas escolares, de modo geral, e de cada disciplina, em particular.

2. As formas de ensinar na perspectiva de um saber prático: estudos sobre os manuais de História e de Didática.

Tomando como referência os elementos apontados, a pesquisa identificou, no período entre 1930-1970, três variantes em que as formas de ensinar se explicitaram sob a forma de manuais destinados a professores. Uma delas refere-se ao conteúdo da didática das disciplinas como parte dos manuais de Didática Geral, seja de autores brasileiros, seja de autores estrangeiros traduzidos para o português. Outra, diz respeito a manuais específicos de Didática das disciplinas, produzidos por professores de escolas primárias, secundárias e da Escola Normal. E a terceira refere-se a manuais de Didática produzidos por professores sob a chancela do Estado.

Um exemplo destas variantes pode ser observado nos manuais destinados à formação do professor de História localizados e que podem ser assim agrupados:

a) Manuais de Didática geral com orientações para o ensino de História

BONFIM, Manoel Lições de Pedagogia, teoria e prática de educação. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1ª. edição – 1915. Edição analisada – 1926 (3ª. edição). O autor é brasileiro, foi professor de escola normal, diretor do Pedagogium e do Laboratório de Psicologia Experimental.

AGUAYO, A. Didáctica da Escola Nova. São Paulo: Editora Nacional. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série Atualidades Pedagógicas. Tradução e notas de J.B. Damasceno Penna e Antonio d'Avila, 1932. O autor é cubano, foi professor da Universidade de Havana.

b) Manuais de Didática Específica da História.

SERRANO, Jonathas. Metodologia da História na aula primária. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917. Foi professor da escola Normal, do Colégio Pedro II, Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Destina esta obra às professoras normalistas.

SERRANO, Jonathas. Como se ensina a História. São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1935. Obra destinada a professores de História em geral. Pertence à Biblioteca da Educação, organizada por Lourenço Filho.

GUEDES, João Libanio. Curso de Didática. Rio de Janeiro: Editora Pallas. 1ª. edição de 1963. Edição analisada de 1975, 2ª. edição. O autor é professor de Didática da Faculdade de Filosofia da Universidade do Estado da Guanabara. Obra destinada a professores da escola secundária.

LEMOS, Lucia de . Planos de aula de História. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1ª. ed. 1964. A autora foi diretora de escola primária. Destina a obra para professoras normalistas.

WEISS, Hugo (org.). A História na escola secundária. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/CADES, 1963. Obra com artigos de diferentes professores de História da escola secundária.

MOREIRA LEITE, Miriam. O ensino de História no primário e no ginásio. São Paulo: Cultrix, 1969. Obra de cunho diagnóstico e propositivo, destinada a professores de História.

CASTRO, Amélia Franco Domingues de. Princípios do método de ensino de História. São Paulo: USP, 1952. A autora foi professora de metodologia e prática de ensino de História na Faculdade de Educação da USP. Este livro é sua tese de doutoramento apresentada à cadeira de Didática Geral e Especial da Fac.Fil. Ciências e Letras da USP.

LEITE, Dinara. Metodologia da Geografia e da História. Rio de Janeiro: Conquista, 1950. A autora foi professora de História na Escola Secundária e no Insti. De Educação do antigo D.F. Também deu aulas nos cursos para professores promovidos pelo INEP.

c) Manuais produzidos sob a chancela do Estado.

TAPAJÓS, V./ WEISS, H. A História na Escola Secundária.

GAUDENZI, Josephina de Castro e Silva. Estudos Sociais na Escola Primária. Rio de Janeiro. MEC-Programa de Emergência, Biblioteca do Professor Brasileiro, 1962

FONSECA, James Braga Vieira da/GASMAN, Lydinéia. Estudos Sociais. Guia Metodológico. Rio de Janeiro: FENAME/MEC. Cadernos MEC, 1967

No caso específico da Didática Geral, a pesquisa vem possibilitando discutir o papel que os manuais têm desempenhado na difusão de determinados modos de ensinar e sobre a forma como o fazem, mas também para se compreender a expectativa que se têm colocado sobre esse tipo de publicação destinada aos professores, no sentido de “garantir” o ensino pelo uso de determinados métodos. Esta preocupação no estabelecimento de “regras para bem ensinar”, bastante clara na obra de Comenius, se reaviva em determinados momentos da história da educação brasileira, quando a produção editorial destinada a ensinar o professor a ensinar se fortalece e expande, em contextos específicos de transformação do campo educacional.

Analisando essa produção editorial específica, pode-se identificar, do ponto de vista da Didática, algumas características que apontam novas possibilidades para a análise dessa produção e permitem agrupar os manuais da seguinte forma:

a) Obras que incluem a Didática enquanto parte da Metodologia.

Neste caso, a Didática teria como finalidade procurar, formular e demonstrar as regras para o ensino. Essa perspectiva parece ser predominante até a década de 1930, e pode ser identificada em manuais em estudo, dentre os quais se destaca a seguinte obra:

CARVALHO, Felisberto de. Tratado de Methodologia. 3^a. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909. Toma como referência obras francesas e a experiência do autor como professor, durante dezessete anos. A primeira parte da obra denomina-se Methodologia Geral, onde está incluída uma seção denominada “princípios didáticos”. A segunda parte denomina-se Methodologia Especial, que inicia com uma apresentação do método intuitivo e na qual “estão aplicadas as leis gerais do método” para os casos do ensino de leitura, caligrafia, língua materna, aritmética, religião, desenho, ginástica e trabalhos manuais.

b) Manuais de caráter didático – metodológico em que a Didática é tomada numa perspectiva mais ampla.

Nesses manuais, a Didática tem como preocupação central o método para dirigir a aprendizagem, e da qual a metodologia é uma parte que estuda os métodos gerais e

específicos. Essa perspectiva têm sido localizada em obras publicadas entre as décadas de 1930 e 1960 e, entre elas, destaca-se a obra já citada de **AGUAYO**, denominada Didática da Escola Nova, cuja tradução foi publicada no Brasil em 1941, na Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 3a., Atualidades Pedagógicas. Professor na Universidade de Havana, compôs a obra a partir das lições dadas em 1931 na Academia Pedagógica localizada na cidade. A primeira parte do manual apresenta os princípios gerais da Didática (como motivação e plano de estudos) e os métodos gerais da aprendizagem. A segunda parte apresenta as técnicas especiais de ensino para história natural, mineralogia, geografia, higiene, história, moral, instrução cívica, aritmética.

c) **Manuais em que a Didática é tomada enquanto conjunto de procedimentos técnicos para o ensino**

Trata-se de manuais que entendem a Didática como ciência e arte de ensinar e que deveria fornecer princípios gerais para todas as disciplinas, concepção predominante a partir da década de 1960, com permanência em alguns manuais até os dias de hoje. Entre as obras identificadas nesse período, toma-se como exemplo:

NÉRICI, Imídio Giuseppe. Introdução à Didática Geral. Dinâmica da Escola. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960. A didática é representada pelo conjunto de técnicas através das quais se realiza o ensino. O autor, professor de Escola Normal e Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras também enfatiza a idéia de direção de ensino, que seria dada pela Didática enquanto conjunto de procedimentos e normas. O Ensino Programado aparece nesse manual como método, indicando um elemento que seria fortalecido durante toda a década de 1970 e segundo o qual a Didática e a formação dos professores deveriam ser entendidos como uma tecnologia educacional e, portanto, deveriam estar referenciadas no treinamento de habilidades para o ensino.

Finalizando essas considerações, é necessário destacar que, na perspectiva de **CUESTA FERNÁNDEZ** os manuais destinados à formação de professores podem ser vistos como constitutivos do “código disciplinar” e, neste sentido, analisados em duas dimensões. A primeira diz respeito à idéia do código disciplinar como uma tradição que se configura historicamente em uma larga duração. Neste caso, os manuais podem ser considerados como constitutivos do processo de construção do código disciplinar a partir da relação que se estabelece entre a edificação de cada ciência como disciplina escolar e a dinâmica da educação brasileira, como as reformas educacionais realizadas.

A segunda perspectiva incita à análise dos manuais a partir da busca de características do “código disciplinar”, as quais colocam em relevo a complexa problemática das relações entre conhecimento científico e conhecimento escolar pois, os livros de texto são uma parte da “tradição seletiva” que, “en virtud de una acción recontextualizadora efectuada por vários agentes sociales, convierte el saber acadêmico en conocimiento escolar legítimo, trasmuta la ciência que se hace en la ciência que se enseña” (**CUESTA FERNÁNDEZ**, op.cit., p.102). Neste sentido, a análise dos manuais pode elucidar aspectos da “transposição didática” (**CHEVALLARD**, 1991) relacionados à construção dos modos de ensinar de cada ciência, enunciados pelos autores, a partir da sua própria cultura experiencial.

3. Considerações finais.

Os exemplos apresentados, dos manuais de Didática e dos manuais destinados a professores de História, indica que alguns autores organizam a transposição didática a partir de sua experiência como educador ou especialista em educação. Outros, como

aqueles relacionados nos manuais de Didática Específica da História, sistematizaram seus enunciados a partir de sua experiência em sala de aula. Estas duas perspectivas podem ser referências para a análise dos manuais.

Pode-se afirmar que, desde o momento de sua introdução como elemento constitutivo do código disciplinar de cada ciência, os manuais destinados à formação de professores no Brasil já apresentam o que CUESTA FERNÁNDEZ (1997) chama de ciência com pedagogia. Isto porque eles ressaltam e valorizam aspectos pedagógicos como fundamentais para as finalidades do ensino. Ademais, esta pedagogização dos conhecimentos específicos faz com que os conteúdos sejam mediados por elementos pedagógicos e psicológicos. Assim, o conteúdo passa a ser visto muito mais em função do seu interesse e adequação aos alunos do que em relação a uma provável renovação da própria ciência. No Brasil, tal processo foi oficializado com a Reforma Francisco Campos, de 1931 na qual a presença de instruções metodológicas para o ensino de cada ciência foi a grande novidade, o que deu origem a vários manuais destinados ensinar ao professor “como ensinar”.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia. O ensino de História como fator de coesão nacional: os programas de 1931. In. Revista Brasileira de História. Dossiê: Memória, História, Historiografia. São Paulo: Marco Zero/Anpuh/Cnpq, n. 25/26, 1993.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável. Texto, Impressos e Livros Didáticos. In. ABREU, Márcia (org.). Leituras, História e História da Leitura. Campinas: Mercado de Letras; ALB/São Paulo: FAPESP, 1999, p. 529-575
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. Tese de doutoramento em História. São Paulo: Dpto. De História da Fac. Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Un.de São Paulo, 1993.
- BLAS ANTOCINELLI, Isabel M. La formación de docentes para la enseñanza primaria en Argentina: influencia de las ideas pedagógicas en el proceso de profesionalización (1870-1920). Tesis Doctoral inédita. Madrid, UNED, 2002, Cap. 6.
- BRIAND, J.P./ CHAPOULIE, J.M. L'institution scolaire et la scolarization : une perspective d'ensemble. In. Revue Française du sociologie, XXXIV, 1993, p.3-42
- CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- CARVALHO, M.M.C. de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In. VIDAL, D.G. y HILSDORF, M. L.S. *Brasil, 500 anos. Tópicos em História da Educação*. São Paulo: Edusp, 2001.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In *Teoria e Educação*, n.2. Porto Alegre: Pannomica, p.177-229.
- CHEVALLARD, Yves. La transposición didáctica. Del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique, 2000.
- CHOPIN, Alan. Las políticas de libros escolares en el mundo: perspectiva comparativa e histórica. In. SILLER, Javier Perez/GARCIA, Vera Radkau (coord.). *Identidad en el imaginario nacional. Reescritura y enseñanza de la historia*. Inst. C.S. Humanidades.

CUNHA, Murilo Bastos da. Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

BUBA, Puebla El Colegio de San Luis, A.C./ Inst. Georg-Eckert, Braunschweig, Alemanha, 1998, p. 169-180.

ESCOLANO, Augustin. Un siglo, dos culturas: Pedagogia académica y cultura de la escuela, en RUIZ BERRIO, J. et al., *La educación en España a examen (1898-1998). Jornadas Nacionales en conmemoración del Centenario del Noventay ocho*. Madrid/Zaragoza, Ministerio de Educación y Cultura/Institución Fernando el Católico, 1999, pp. 605-614.

ESCOLANO BENITO, Agustín (Ed.). **Currículum editado y sociedad del conocimiento**: texto, multimedialidad y cultura de la escuela. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006. 358 p.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.) Modos de ver. Formas de escrever. Estudos de História da Leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998..

CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. Sociogénesis de una disciplina escolar: la historia. Barcelona: Ed. Pomares-Corredor, 1997.

_____. Clío en las aulas. La enseñanza de la Historia en España entre reformas, ilusiones y ruinas. Madrid: Akal, 1998.

GUEREÑA, J./ OSSENBACH, G./ POZO, M. (Directores). Manuales escolares en España, Portugal y América Latina (Siglos XIX e XX). Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia – UNED, 2005 (Série Proyecto MANES).

HOLLANDA, Guy. Um quarto de século de Programas e Compêndios de História para o ensino secundário brasileiro. 1931/1956. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1957.

MELCÓN BELTRÁN, Julia. *La enseñanza de la Geografía y el profesorado de las Escuelas Normales (1882-1915)*. Barcelona, CSIC-Publicaciones de la Universidad de Barcelona, 1991.

MONARCHA, Carlos. Lourenço Filho e a Bibliotheca de educação. (1927-1941). In. MONARCHA, C. (org.) Lourenço Filho: Outros aspectos, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras/UNESP, Curso de Pós Graduação em Educação, 1997, p.27-45.

NADAI, E. O ensino de historia no Brasil: trajetória e perspectiva. In. *Revista Brasileira de História (Memória, História, Historiografia) – Dossiê Ensino de História*. São Paulo: Anpuh, Marco Zero, v.13,n.25/26, set., 1992/ago. 1993, p.140-151.

NÓVOA, A. Professionalisation des enseignants et Sciences de l'Éducation. In. DREWEK, P. y LUTH, C. (ed). *History of Educational Studies. Geschichte der Erziehungswissenschaften. Histoire des Sciences de l'Éducation*. Gante Paedagogica Historica, Supplementary Series, Vol.III, 1998, pp.403-430.

SCHMIDT, M.A. “O método é a maravilha da escola e a delícia do professor”. Os manuais didáticos e a construção da prática de ensino de história. In. GUERENA, J./ OSSENBACH, G./ POZO, M. (Directores). *Manuales escolares en España, Portugal y América Latina (Siglos XIX e XX)*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia-UNED, 2005, pp.215-231.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In. SOUZA, R.F.; VALDEMARIN, V.T. y

ALMEIDA, J. S. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: UNESP, 1998, pp. 63-105.

VIDAL, D.G. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal. (1932-1937)*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.